

Corpo (O)culto – Manifestações do corpo cotidiano na construção da expressividade

Leonardo Augusto Paulino¹

Resumo

“Corpo (O)culto: Manifestações do corpo cotidiano na construção da expressividade” é um estudo sobre o uso do corpo com suas múltiplas diferenças. Partindo do pressuposto de que cada pessoa tem sua própria história e esta influencia no somático, verifica-se a necessidade do estudo sobre as diversas manifestações desse corpo, como ele é desenvolvido, quais seus paradoxos, quais seus lugares de fuga, quais os medos referentes a esse corpo, as aventuras, as dificuldades e as transmutações que ocorrem neste.

A partir disso a pesquisa mostra a possibilidade de trazer ao conhecimento dos leitores como o corpo comum pode expressar-se através de infinitos signos tanto no universo teatral como no da dança.

O corpo é matéria que o ser humano tem por toda sua vida, desde sua gestação, quando esse está em processo de formação, até sua morte, quando o mesmo perece.

Cada um de nós, seres humanos, é um corpo que cotidianamente experimenta seus próprios estados, por exemplo: a dor, o prazer, a fome, a excitação sexual, a fadiga, a doença. Olhamos para o espelho e para os outros e vemos entidades com fronteiras definidas a que chamamos de corpos.

Nosso corpo somos nós e somos o que parecemos ser.

É nossa única realidade perceptível. Por isso tomar consciência do próprio corpo é ter acesso ao ser inteiro, pois corpo e espírito, psíquico e físico, e até força e fraqueza, representam não a dualidade do ser, mas sua unidade.

O corpo carrega todas as lembranças e memórias do ser humano. Sem perceber, desde os primeiros meses de vida, o homem reage a pressões familiares, sociais, morais, entre outras.

A partir das experiências de cada indivíduo ao longo de sua vida, pode-se verificar a importância destas para o seu processo de criação. O ator/bailarino a partir do momento em que expõe sua vida dentro de sua arte torna-se um criador singular.

O processo de produção de signos corporais tem início a partir do momento em que a intenção de criar aparece.

Um ator/bailarino é seu próprio corpo e seu corpo não pode jamais ser tratado como uma entidade apartada de si, suprimida e castrada por suas sensações, emoções e pensamentos.

Antonin Artaud (poeta, ator, escritor, dramaturgo, roteirista e diretor) afirma que “o ator é como um atleta, mas um atleta da alma; seu caminho torna-se um caminho interior: localizar no corpo os pontos que se manifestam sensivelmente e dão a conhecer as paixões existentes em sua vida e no seu próprio corpo”.

¹ UFOP – graduando

As emoções do ator são como os músculos de um atleta: ele deve saber usá-las, tomando consciência do seu mundo afetivo. A alma, concretizada no corpo, pode ser reduzida a uma meada de vibrações, conquistando uma materialidade na qual o ator há de acreditar. Ele deve passar a conviver com as paixões materialmente, através da força que elas carregam e com a qual se manifestam no corpo. Se a alma dispõe dessa dimensão corpórea, pode o ator dominá-las partindo de seu físico.

Através do corpo, o ator faz com que sua natureza cotidiana e estática ganhe expressividade. É no corpo que se encontram alojadas as emoções e sentimentos que posteriormente, ao se derivarem, vão transformar o corpo do ator num corpo crível, um corpo expressivo.

Na linha tênue entre o teatro e a dança, a arte é construída pelo corpo e no corpo. Ao escrevê-la, o corpo solicita a técnica enriquecida pelo exercício artístico de interpretação, de intencionalidade e de convivência com o outro.

A dança só existe porque o corpo a torna possível e, ao mesmo tempo, porque existe o corpo do outro para dançar com ele ou apreciá-lo dançando.

Compreende-se o corpo como autor e espaço cênico da dança. É o corpo quem escreve a arte da dança em si mesmo, pois somente nele é possível existencializá-la. É a possibilidade de arte encarnada no corpo.

Enquanto materialidade, o corpo se apresenta como um conjunto de leis. Um sistema organizado, recheado de determinismos e imprecisões, probabilidades.

O homem não se concebe sem movimento. O homem nasce com as possibilidades, mas sem o reconhecimento do experimento. Necessita se transformar num experimentador para se construir como o proprietário/usuário do seu movimento.

O corpo é vida pulsante onde o cuidado deve ser prioridade. É pelo corpo que apreendemos sensações e sentimentos, pois afinal os sentidos estão intrinsecamente relacionados com nossa visão do mundo. Todo pensamento passa por um processo corporal, mesmo que na imobilidade. É através do gesto corporal que definimos muitas de nossas vontades e desejos, é onde amamos e odiamos. O corpo como expressão máxima de desejos, pois os movimentos costumam não mentir ou iludir.

Nesse trabalho de cuidado e descoberta corporal, o ator/bailarino deve aprender a doar-se.

Doar é um verbo transitivo, e, portanto, quem doa, deve doar alguma coisa.

Ser um ator/bailarino significa então doar-se. E é nesse pronome oblíquo se que se encontra a beleza de sua arte. Ele deve comungar-se com o público, mostrando não apenas seus movimentos corporais e sua mera presença física no palco, mas deve comungar seu ser, os mistérios mais profundos e escondidos de sua alma. O ator/bailarino deve ser o objeto direto da doação: ele dá seu corpo, sua vida, materializando-a através da técnica.

A expressividade é inerente ao ser humano. É a capacidade que todo o existente tem para transmitir os diferentes estímulos, sentimentos, ideias e desejos. Com clareza e de uma maneira criativa.

O ser humano, para expressar seus próprios atos, não precisa de instrumentos, passa a ser o próprio instrumento, onde pode sentir-se, perceber-se, conhecer-se e manifestar-se.

Para o ator/bailarino, a arte de representar é exatamente isso: encher-se de vida e doar-se para o espectador a cada espetáculo. Assim como os movimentos contínuos do coração que distribui vida para o organismo. Se esse fluxo do coração para, o organismo morre; o mesmo acontece com o ator/bailarino: se ele para esse ciclo, se ele perde sua expressividade, morre sua arte.

BIBLIOGRAFIA

ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

AZEVEDO, Sônia Machado de. *O papel do corpo no corpo do ator*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BERTHERAT, Thérèse. *O corpo tem suas razões – Antiginástica e consciência de si*. São Paulo: Martins Fontes, 2001

DANTAS, Estélio H. *Pensando o corpo e o movimento*. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

SANTAELLA, Lucia. *Corpo e comunicação – sintomas da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.